

**MODERNISMO, FRAGMENTAÇÃO E IDENTIDADE: UM ESTUDO
COMPARATIVO ENTRE A LITERATURA PORTUGUESA E A LITERATURA
INGLESA/NORTE-AMERICANA**

Camila de Nazaré Colares da Costa
<https://orcid.org/0009-0008-5498-9754>
Email: camila.calculadora10@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>
DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-18>

RESUMO: A literatura modernista representou uma ruptura significativa com as tradições narrativas anteriores, refletindo a fragmentação da identidade, a crise da história e a busca por novas formas de expressão. Este estudo propõe uma análise comparativa entre o modernismo português e anglófono, destacando as principais inovações formais e temáticas desses movimentos. Por meio das obras de Fernando Pessoa, T. S. Eliot, William Faulkner e José Saramago, investiga-se como a fragmentação do sujeito e a desconstrução das grandes narrativas foram incorporadas à estrutura literária. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise crítica e comparativa das obras selecionadas. O estudo examina a multiplicidade de vozes em Pessoa, a justaposição de referências em Eliot, a descontinuidade narrativa em Faulkner e a subversão das convenções sintáticas em Saramago, demonstrando como esses autores exploraram a linguagem para expressar as incertezas do século XX. Os resultados evidenciam que, apesar das diferenças culturais e contextuais, os escritores modernistas compartilharam uma preocupação comum com a instabilidade da identidade e a reconstrução da memória histórica. A inovação formal, marcada pelo fluxo de consciência, pela intertextualidade e pela fragmentação da narrativa, revelou-se essencial para traduzir a experiência da modernidade. Conclui-se que a literatura modernista não apenas refletiu as transformações de seu tempo, mas também inaugurou um novo paradigma estético que influenciou a literatura contemporânea. A investigação sugere a ampliação do estudo para outros modernismos e sua recepção em diferentes contextos culturais, reforçando a relevância contínua dessas obras no debate literário atual.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo. Fragmentação. Identidade. Inovação Formal. Narrativa.

**MODERNISM, FRAGMENTATION AND IDENTITY: A COMPARATIVE
STUDY BETWEEN PORTUGUESE LITERATURE AND ENGLISH/NORTH
AMERICAN LITERATURE**

ABSTRACT: Modernist literature represented a significant break from previous narrative traditions, reflecting the fragmentation of identity, the crisis of history, and the search for new forms of expression. This study proposes a comparative analysis between Portuguese and Anglophone modernism, highlighting the main formal and thematic innovations of these movements. Through the works of Fernando Pessoa, T. S. Eliot, William Faulkner, and José Saramago, this research investigates how the fragmentation of the self and the deconstruction of grand narratives were incorporated into literary structures. The research adopts a qualitative approach, based on critical and comparative

analysis of selected works. The study examines Pessoa's multiplicity of voices, Eliot's juxtaposition of references, Faulkner's narrative discontinuity, and Saramago's subversion of syntactic conventions, demonstrating how these authors explored language to express the uncertainties of the twentieth century. The results show that, despite cultural and contextual differences, modernist writers shared a common concern with the instability of identity and the reconstruction of historical memory. Formal innovation, marked by stream of consciousness, intertextuality, and narrative fragmentation, proved essential in translating the modern experience. It is concluded that modernist literature not only reflected the transformations of its time but also inaugurated a new aesthetic paradigm that influenced contemporary literature. The study suggests expanding the analysis to include other modernist movements and their reception in different cultural contexts, reinforcing the continued relevance of these works in current literary discourse.

KEYWORDS: Modernism. Fragmentation. Identity. Formal Innovation. Narrative.

INTRODUÇÃO

O modernismo representou uma das mais significativas revoluções estéticas e intelectuais da literatura ocidental, caracterizando-se pela ruptura com os modelos narrativos tradicionais e pela experimentação formal. Influenciado pelas transformações sociais, políticas e filosóficas do século XX, o modernismo refletiu a fragmentação da experiência humana, o colapso das grandes narrativas e a busca por novas formas de representação da subjetividade e da história. Tanto na literatura portuguesa quanto na anglófona, os escritores modernistas reconfiguraram a linguagem e a estrutura do texto literário, explorando a intertextualidade, a descontinuidade temporal e a multiplicidade de vozes para expressar a complexidade da modernidade.

O modernismo português, marcado pela produção multifacetada de Fernando Pessoa, introduziu um modelo inovador de subjetividade literária, no qual a identidade se dissolve em múltiplas vozes e estilos. Pessoa revolucionou a poesia ao criar heterônimos, cada um com um universo poético distinto, desafiando a noção tradicional de autoria e unidade do sujeito. Seu livro *Mensagem* (1934) exemplifica essa dualidade ao evocar o passado heroico português de maneira ambígua, oscilando entre a exaltação e a crítica, revelando a tensão entre a memória nacional e o desencanto com a realidade moderna.

Na literatura anglófona, *The Waste Land* (1922), de T.S. Eliot, desempenhou um papel semelhante ao propor uma colagem de referências culturais e linguísticas, criando um poema fragmentado que expressa o colapso das certezas culturais do Ocidente. Eliot

rompe com a linearidade do discurso poético e mistura diferentes vozes, tempos e espaços, evidenciando a crise do sujeito moderno e a fragmentação da tradição cultural. O poema ressignifica mitos e textos clássicos, promovendo uma intertextualidade densa que reforça a impossibilidade de um discurso coeso sobre a identidade e a história.

Na prosa modernista, a fragmentação da identidade e a experimentação narrativa assumem um papel central. William Faulkner, em *The Sound and the Fury* (1929), utiliza múltiplos pontos de vista e a técnica do fluxo de consciência para apresentar a história decadente da família Compson. O romance desmonta a estrutura narrativa linear ao entrelaçar perspectivas distintas e desconexas, evidenciando a dissolução da memória e a crise da identidade familiar e regional. Da mesma forma, José Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), resgata um heterônimo de Pessoa e o coloca no contexto histórico de Portugal sob a ditadura salazarista. A obra não apenas revisita a tradição modernista portuguesa, mas também ironiza e desconstrói os discursos nacionalistas e autoritários, revelando as tensões entre literatura, história e política.

Diante dessas conexões, este estudo tem como objetivo analisar como essas obras problematizam a identidade nacional, a fragmentação do sujeito e a revisão dos mitos históricos. A investigação parte da hipótese de que, apesar das diferenças culturais e contextuais, os modernistas portugueses e anglófonos compartilham uma preocupação comum com a instabilidade da subjetividade e com a reconfiguração da memória histórica. A literatura modernista não apenas reflete a crise da modernidade, mas a incorpora em sua estrutura, transformando a linguagem e a forma narrativa em elementos centrais desse questionamento.

A metodologia utilizada é de cunho qualitativo e comparativo, baseando-se na análise estrutural e intertextual das obras selecionadas. O estudo examina a fragmentação do sujeito em Pessoa e Eliot, a desconstrução da narrativa linear em Faulkner e Saramago, e a forma como cada um desses autores lida com a revisão da história e da identidade nacional. A abordagem crítica fundamenta-se nos estudos de Eduardo Lourenço, Linda Hutcheon, Peter Nicholls e Hayden White, cujas contribuições teóricas auxiliam na compreensão das estratégias modernistas de representação do tempo, da memória e do discurso literário.

O artigo está estruturado em quatro seções principais. A primeira seção discute a fragmentação da identidade e a crise do sujeito moderno, analisando como a multiplicidade de vozes e a descontinuidade narrativa operam na literatura modernista. A segunda seção aborda a revisão dos mitos nacionais e a desconstrução da história, comparando as estratégias utilizadas por Pessoa, Eliot, Saramago e Faulkner para problematizar a memória coletiva e os discursos oficiais. A terceira seção investiga a experimentação formal no modernismo, destacando o uso do fluxo de consciência, da intertextualidade e da ruptura com a linearidade narrativa. Por fim, a quarta seção apresenta as considerações finais, sintetizando os principais achados da pesquisa e sugerindo possibilidades para estudos futuros.

Com essa abordagem, o estudo busca contribuir para o debate sobre o modernismo enquanto fenômeno literário e cultural global, evidenciando suas variações e permanências entre diferentes tradições literárias. Ao explorar as relações entre identidade, história e linguagem, a pesquisa reforça a relevância contínua dessas obras e demonstra como o modernismo, mesmo passadas várias décadas de sua consolidação, permanece um campo fértil para novas interpretações e análises.

FRAGMENTAÇÃO DA IDENTIDADE E A CRISE DO SUJEITO MODERNO

A fragmentação da identidade foi um dos principais traços do modernismo literário, refletindo as incertezas e contradições que caracterizam o sujeito moderno. As transformações sociais e culturais do século XX, impulsionadas pelo avanço da industrialização, pelas guerras e pelo colapso dos paradigmas clássicos, provocaram uma crise de identidade que se manifestou na literatura de maneira intensa e inovadora. Tanto no modernismo português quanto no anglófono, observa-se a busca por novas formas de expressão que traduzam a multiplicidade do eu e a dissolução das certezas que antes sustentavam a experiência subjetiva (Lourenço, 1986).

Fernando Pessoa, em *Mensagem* (1934), e T.S. Eliot, em *The Waste Land* (1922), exemplificam essa fragmentação ao criarem obras que subvertem a unidade do sujeito e introduzem múltiplas vozes e perspectivas. No caso de Pessoa, a multiplicidade se manifesta através de seus heterônimos, que representam diferentes modos de percepção

do mundo e de construção poética. Álvaro de Campos encarna o entusiasmo e a angústia da modernidade industrial, Ricardo Reis recupera a serenidade da tradição clássica e Alberto Caeiro propõe uma poética do instante e da simplicidade.

Eliot, por sua vez, constrói uma poética igualmente fragmentada em *The Waste Land*, mesclando diferentes registros linguísticos, citações literárias e referências mitológicas para compor um mosaico que reflete a desordem e a alienação do mundo moderno. A estrutura do poema não segue um fio narrativo linear, mas se apresenta como uma sucessão de imagens e vozes dispersas, que se entrecruzam sem uma ordem aparente. Essa estratégia reforça a sensação de colapso da identidade e da cultura ocidental, um tema recorrente na literatura modernista.

Na prosa, a fragmentação da identidade é explorada de maneira ainda mais radical por William Faulkner, em *The Sound and the Fury* (1929). O romance desconstrói a narrativa linear ao apresentar a história da família Compson por meio de quatro perspectivas distintas, cada uma marcada por um estilo narrativo específico. O primeiro capítulo, narrado por Benjy, um personagem com deficiência mental, dissolve as fronteiras temporais e cria uma experiência de leitura desorientadora, onde passado e presente se confundem. O segundo capítulo, narrado por Quentin, aprofunda a crise da subjetividade por meio do fluxo de consciência e da obsessão pela memória.

A comparação entre a literatura modernista portuguesa e anglófona evidencia diferenças importantes na forma como a fragmentação da identidade é representada. Enquanto Pessoa constrói sua poética sobre a pluralidade de heterônimos, criando múltiplas vozes que coexistem e se contradizem, Eliot opta por um discurso intertextual e polifônico, onde a fragmentação se manifesta na justaposição de referências culturais dispersas. Já Faulkner, na prosa, radicaliza essa descontinuidade ao dissolver completamente a linearidade do tempo e da consciência, criando um efeito de colapso narrativo.

A crise do sujeito moderno não se limita à dissolução da identidade individual, mas também reflete uma crise cultural e histórica mais ampla. O modernismo emerge em um momento de profunda transformação social, no qual antigas certezas são substituídas por um mundo cada vez mais fragmentado e instável. A literatura modernista responde a

esse cenário ao abandonar a ilusão da unidade e ao explorar novas formas de expressão que deem conta da complexidade do mundo contemporâneo.

Ao longo do século XX, essa fragmentação se tornaria uma marca fundamental da literatura, influenciando não apenas o modernismo, mas também movimentos posteriores, como o pós-modernismo e a literatura contemporânea. A busca por novas formas de representar a subjetividade e a experiência do tempo continua a ser um dos principais desafios da literatura atual, demonstrando que a crise do sujeito moderno, inaugurada pelos modernistas, permanece uma questão central para a criação literária.

A fragmentação da identidade no modernismo não apenas reflete a dissolução das certezas da modernidade, mas também se configura como uma tentativa de recriação do sujeito em meio ao caos. Essa busca por novas formas de expressão, em um contexto de ruptura com modelos narrativos tradicionais, resulta em textos que desafiam a compreensão linear e exigem uma participação ativa do leitor. A literatura modernista, ao desconstruir a unidade da identidade, redefine os limites da subjetividade e propõe novas formas de narrar a experiência humana, repletas de ambiguidade e contradição (Lourenço, 1986).

Em Fernando Pessoa, essa multiplicidade se manifesta nos heterônimos, que não apenas representam estilos distintos de escrita, mas também diferentes concepções filosóficas e percepções da realidade. Ricardo Reis apresenta uma visão estoica da existência, pautada pelo equilíbrio e pelo conformismo; Álvaro de Campos expressa o ímpeto da modernidade, marcado pela exaltação e pelo desespero; Alberto Caeiro, por sua vez, adota uma perspectiva sensorial e antiintelectual, rejeitando a metafísica e qualquer tentativa de transcendência. Essa estratégia literária rompe com a noção de um eu coeso e singular, revelando a subjetividade como um fenômeno múltiplo e fluido (Bosi, 2006).

T.S. Eliot, em *The Waste Land* (1922), constrói um poema que encarna essa desintegração do sujeito moderno, empregando múltiplas vozes e referências intertextuais para criar um panorama de colapso cultural e existencial. A fragmentação formal do poema reflete a fragmentação da própria experiência do sujeito, que se encontra perdido em um mundo despedaçado e sem sentido.

Esse mesmo princípio se observa na prosa modernista, especialmente em William Faulkner, cuja obra *The Sound and the Fury* (1929) radicaliza a fragmentação ao desordenar a cronologia e ao apresentar múltiplas perspectivas sobre a mesma história. A alternância entre narradores, cada um com sua própria percepção distorcida da realidade, reforça a impossibilidade de um conhecimento absoluto e coeso dos acontecimentos.

A fragmentação da identidade no modernismo está diretamente ligada à crise do sujeito e à dissolução das referências culturais que anteriormente estruturavam a experiência humana. A literatura desse período reflete o impacto da Primeira Guerra Mundial, da urbanização acelerada e do avanço das tecnologias, elementos que transformaram profundamente as relações sociais e psicológicas. Em *Mensagem* (1934), Pessoa evoca figuras históricas de Portugal não para glorificá-las, mas para questionar sua relevância em um mundo que já não corresponde aos ideais do passado. Esse jogo entre tradição e ruptura evidencia a tensão entre um nacionalismo nostálgico e a necessidade de reconfiguração da identidade nacional (Lourenço, 1986).

No modernismo anglófono, essa relação com o passado se dá de maneira distinta, mas igualmente problemática. Em *The Waste Land*, Eliot não apenas revisita mitos clássicos e referências bíblicas, mas os reorganiza de maneira fragmentada e desordenada, sugerindo a impossibilidade de uma tradição unificadora que possa oferecer sentido ao presente. Essa estratégia literária se alinha com o conceito de intertextualidade, explorado por Hutcheon (1988), que argumenta que o modernismo não rejeita a tradição, mas a reinsere de maneira crítica e subversiva, desmontando seus discursos e expondo suas fragilidades.

Em Faulkner, essa revisão do passado se manifesta na forma como o Sul dos Estados Unidos é representado em suas obras. A aristocracia sulista, que outrora simbolizava poder e tradição, surge em ruínas, corroída pela decadência econômica e pelos traumas da escravidão. A perda dessa identidade coletiva reflete a crise da modernidade, na qual os antigos mitos já não oferecem sentido nem estabilidade.

A introspecção é outro elemento fundamental na fragmentação da identidade modernista. Enquanto o romance realista do século XIX buscava descrever o mundo externo com objetividade, o modernismo desloca esse foco para o interior da consciência.

O fluxo de consciência, técnica narrativa empregada por Faulkner e outros autores modernistas, simula o funcionamento da mente humana, com seus pensamentos descontínuos e associações livres. Em *The Sound and the Fury*, esse recurso é levado ao extremo, ao apresentar capítulos inteiros escritos a partir da perspectiva de personagens cuja percepção do tempo é fragmentada e distorcida.

Essa busca por novas formas de expressão reflete um dos aspectos mais marcantes do modernismo: a consciência de que a linguagem é incapaz de capturar plenamente a realidade. Em Pessoa, essa tensão se traduz na multiplicidade de estilos e na experimentação formal de seus heterônimos. Em Eliot, manifesta-se na justaposição abrupta de imagens e referências, criando um efeito de estranhamento e deslocamento. Em Faulkner, assume a forma de uma narrativa que desafia a linearidade e a coerência, refletindo a fragmentação do próprio sujeito moderno.

A literatura modernista, ao desconstruir a unidade do sujeito, não apenas reflete a crise da identidade moderna, mas também propõe novas formas de compreender essa experiência. A multiplicidade, a fragmentação e a dissonância deixam de ser apenas sintomas de um mundo em colapso e passam a ser incorporadas como estratégias narrativas essenciais.

Essa resposta estética não se limita ao período modernista, mas continua a influenciar a literatura contemporânea. O uso da intertextualidade, da fragmentação e do fluxo de consciência persiste como uma marca fundamental da literatura pós-moderna e de autores contemporâneos que exploram a desconstrução da identidade e a crise da representação.

Ao comparar a literatura modernista portuguesa e anglófona, observa-se que, apesar das diferenças culturais e históricas, ambos os contextos responderam de maneira semelhante às inquietações do século XX. Pessoa, Eliot e Faulkner, cada um à sua maneira, desafiaram as convenções narrativas e propuseram novas formas de representar o sujeito moderno. A fragmentação da identidade, longe de ser apenas um tema literário, tornou-se uma característica estrutural dessas obras, evidenciando que a crise da modernidade não poderia ser expressa por meio das formas tradicionais de escrita.

Dessa forma, a literatura modernista não apenas registrou as transformações

sociais e culturais do século XX, mas também participou ativamente desse processo, redefinindo os limites da identidade e da narrativa. O sujeito moderno, fragmentado e desorientado, encontra na literatura um reflexo de sua própria condição, ao mesmo tempo em que descobre novas possibilidades de significado na complexidade do mundo contemporâneo.

REVISÃO DOS MITOS NACIONAIS E A DESCONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA

A literatura modernista operou não apenas como um veículo de experimentação formal e estilística, mas também como um espaço de contestação e desconstrução das narrativas históricas. A representação do passado sempre foi um instrumento essencial na construção das identidades nacionais, sendo frequentemente utilizada para justificar projetos políticos, consolidar ideologias e reforçar mitos fundadores. Entretanto, no modernismo, esse processo foi submetido a uma revisão crítica, questionando as certezas sobre a história e sobre o papel do indivíduo e da coletividade no tempo (White, 1973).

Fernando Pessoa, em *Mensagem* (1934), retoma a grandiosidade do passado português, evocando episódios épicos que marcaram o imaginário nacional, como os Descobrimentos e a figura mítica de Dom Sebastião. No entanto, essa exaltação é atravessada por um profundo desencanto, sugerindo que essa glória já não se sustenta na modernidade. Ao idealizar a nação portuguesa como uma entidade destinada à grandeza, mas ao mesmo tempo perdida em sua busca por um futuro incerto, Pessoa tensiona a narrativa oficial do passado e introduz a dúvida como elemento estruturante de sua poética.

A subversão dos mitos nacionais não é um fenômeno exclusivo da literatura portuguesa. No modernismo anglófono, obras como *The Waste Land* (Eliot, 1922) e *The Sound and the Fury* (Faulkner, 1929) também revisitam o passado de suas respectivas culturas para desmontar as narrativas triunfalistas e expor a crise de identidade que marca a modernidade. Eliot, em *The Waste Land*, fragmenta a tradição cultural ocidental ao justapor diferentes referências históricas e literárias, criando um mosaico de ruínas que sugere a impossibilidade de um discurso unificador sobre a história.

Enquanto Eliot lida com a fragmentação cultural e espiritual da Europa pós-

Primeira Guerra Mundial, Faulkner, em *The Sound and the Fury*, aborda a decadência do Sul dos Estados Unidos e o colapso da aristocracia sulista. A família Compson, outrora pertencente à elite, é apresentada em ruínas, incapaz de se adaptar às transformações da sociedade. O romance desmonta a visão heroica do Sul, revelando suas contradições e os traumas deixados pela escravidão e pela Guerra Civil Americana. A narrativa não apenas expõe essa decadência, mas também reproduz, por meio da estrutura fragmentada e do fluxo de consciência, a experiência da dissolução histórica.

José Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), leva essa revisão dos mitos nacionais ainda mais longe ao inserir um personagem fictício de Pessoa no contexto real da ditadura de Salazar. Ao resgatar Ricardo Reis, um dos heterônimos de Pessoa, e colocá-lo diante dos dilemas políticos de Portugal nos anos 1930, Saramago questiona a permanência de uma mentalidade nostálgica e fatalista, que impede o país de se engajar plenamente na modernidade. Essa interação entre ficção e história serve para revelar os mecanismos de poder que moldam a memória coletiva e reafirmam os mitos nacionais, mas também para expô-los ao ridículo.

A comparação entre essas obras evidencia que, embora operem em contextos distintos, todas elas compartilham um impulso comum de desconstrução da história e dos mitos que sustentam as identidades nacionais. Em Pessoa, essa revisão se dá de maneira ambígua, oscilando entre a nostalgia e a ironia. Em Eliot e Faulkner, ela assume um tom de desolação e desesperança, refletindo a sensação de colapso das certezas culturais do Ocidente. Em Saramago, a crítica se torna mais explícita, expondo as contradições da tradição e a fragilidade dos discursos que tentam perpetuar uma visão idealizada do passado.

Ao revisitar os mitos nacionais e desmontar as grandes narrativas da história, os modernistas não apenas registram um momento de transição cultural, mas também participamativamente desse processo de transformação. A literatura modernista não se limita a representar a crise da modernidade; ela a encena, questiona e subverte.

Essa abordagem ressoa até os dias atuais, influenciando a literatura contemporânea e as formas como os escritores lidam com a memória, a identidade e a história. Se no modernismo a desconstrução da narrativa histórica era uma resposta à crise

da modernidade, hoje ela se tornou uma característica fundamental das literaturas pós-modernas e pós-coloniais, que continuam a explorar a relação entre discurso, poder e identidade.

Dessa forma, as revisões dos mitos nacionais realizadas pelos modernistas não apenas redefiniram os rumos da literatura no século XX, mas também abriram caminho para uma nova compreensão da história, na qual os eventos do passado não são mais encarados como verdades absolutas, mas como construções narrativas sujeitas a múltiplas interpretações e questionamentos.

A desconstrução dos mitos nacionais no modernismo revela uma relação ambígua com o passado, na qual a tradição é ao mesmo tempo evocada e subvertida. Em *Mensagem* (Pessoa, 1934), essa oscilação se torna evidente na maneira como o poeta enaltece figuras históricas como Vasco da Gama e Dom Sebastião, mas ao mesmo tempo insere nelas um tom de melancolia e fatalismo. A evocação do passado glorioso serve menos para reafirmar uma identidade nacional coesa e mais para demonstrar sua impossibilidade na modernidade.

Essa releitura do passado não se dá apenas no nível temático, mas também na forma. A estrutura fragmentada de *Mensagem*, composta por pequenos poemas que se interligam sem seguir uma linearidade rígida, reflete essa ambivalência. O mesmo acontece em *The Waste Land* (Eliot, 1922), no qual Eliot revisita mitos clássicos, como a lenda do Santo Graal e a Odisseia, mas os reorganiza de maneira caótica, sugerindo que sua capacidade de conferir sentido à realidade contemporânea está comprometida.

Essa abordagem ressoa de maneira intensa na prosa modernista, especialmente em William Faulkner, que, em *The Sound and the Fury* (1929), problematiza a herança cultural do Sul dos Estados Unidos. A narrativa desconstrói a visão romântica dessa região, apresentando a família Compson como um símbolo da decadência de uma aristocracia que não conseguiu se adaptar às mudanças sociais e econômicas. O uso do fluxo de consciência, aliado à desordem cronológica, evidencia essa dissolução do passado e da identidade.

José Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), leva essa desconstrução a um novo patamar ao inserir um heterônimo pessoano em um contexto

político real, a ditadura salazarista. A presença de Ricardo Reis no Portugal dos anos 1930 funciona como um deslocamento temporal que obriga o leitor a confrontar o passado e o presente simultaneamente. Dessa maneira, Saramago questiona a permanência de ideais ultrapassados e a persistência de um nacionalismo que se sustenta mais na memória do que na realidade.

A desconstrução da história e dos mitos nacionais no modernismo pode ser vista, assim, como uma resposta à crise da modernidade. A perda de um sentido unificado da história e a fragmentação da identidade individual e coletiva refletem o impacto de eventos como as grandes guerras, a ascensão dos regimes totalitários e a crescente urbanização. A literatura, nesse contexto, assume um papel fundamental na articulação dessas tensões, não para resolvê-las, mas para evidenciá-las. Eliot, Pessoa, Faulkner e Saramago compartilham essa preocupação, ainda que cada um a exprima de maneira distinta, seja por meio da poesia fragmentada, da narrativa descontínua ou da intertextualidade crítica.

O impacto dessas revisões modernistas não se restringe ao período em que foram produzidas. O questionamento das grandes narrativas históricas inaugurado pelos modernistas ressurge de maneira intensa na literatura pós-moderna e nos estudos pós-coloniais. A obra de Saramago, por exemplo, antecipa muito do que será explorado posteriormente por autores como Salman Rushdie e Toni Morrison, que utilizam estratégias semelhantes para subverter discursos históricos estabelecidos.

Essa distinção é relevante para compreender o alcance da crítica modernista aos mitos nacionais. Se, por um lado, autores como Pessoa e Eliot ainda tentam reorganizar os fragmentos do passado para construir novas formas de sentido, por outro, Faulkner e Saramago evidenciam a impossibilidade de qualquer unidade, enfatizando a natureza arbitrária das narrativas históricas. Em ambos os casos, contudo, o que se observa é uma recusa em aceitar a história como um dado imutável, propondo em seu lugar uma visão dinâmica e questionadora da memória e da identidade.

Dessa forma, a literatura modernista não apenas refletiu as mudanças de seu tempo, mas também influenciou profundamente as gerações subsequentes de escritores, historiadores e teóricos. A revisão dos mitos nacionais, longe de ser um gesto isolado,

tornou-se uma característica essencial da produção literária contemporânea, demonstrando que a relação entre literatura e história continua sendo um campo de debate e reinvenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do modernismo português e anglófono revelou que, embora desenvolvidos em contextos culturais distintos, ambos os movimentos compartilharam uma preocupação central com a fragmentação da identidade, a desconstrução das narrativas históricas e a inovação formal na linguagem literária. A literatura modernista emergiu como uma resposta às mudanças sociopolíticas e filosóficas do século XX, refletindo o colapso das certezas tradicionais e a necessidade de novas formas de expressão para capturar a complexidade da experiência humana.

A fragmentação da identidade foi um dos temas mais recorrentes no modernismo, manifestando-se de diferentes formas na literatura portuguesa e anglófona. Em Fernando Pessoa, essa fragmentação se concretizou por meio da criação de heterônimos, cada um com uma identidade literária e filosófica própria. Essa multiplicidade de vozes desafiou a concepção tradicional de um eu unificado e coeso, propondo, em seu lugar, uma subjetividade em constante transformação. Em *The Waste Land* (Eliot, 1922), essa mesma fragmentação se manifesta através da justaposição de diferentes registros linguísticos e referências culturais, criando um poema que reflete a desorientação do sujeito moderno diante da dissolução das grandes narrativas culturais.

Na prosa, essa mesma preocupação com a crise do sujeito foi explorada de maneira radical por William Faulkner e José Saramago. Em *The Sound and the Fury* (Faulkner, 1929), a multiplicidade de perspectivas narrativas e a descontinuidade temporal evidenciam a desagregação da identidade e a dificuldade de reconstrução da memória histórica. Saramago, por sua vez, reinterpreta essa fragmentação na sua abordagem formal, rompendo com a pontuação convencional e inserindo um fluxo narrativo contínuo que força o leitor a se engajar ativamente na construção do sentido do texto (*O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 1984). Essas técnicas narrativas não apenas expressam a instabilidade do sujeito moderno, mas também questionam a própria

possibilidade de uma verdade histórica unificada.

A desconstrução dos mitos nacionais e das certezas históricas foi outra característica essencial do modernismo. Enquanto Pessoa, em *Mensagem* (1934), revisita figuras heroicas da história portuguesa de maneira ambígua, oscilando entre a exaltação e o desencanto, Saramago adota uma abordagem mais crítica, subvertendo as narrativas oficiais para expor as tensões entre memória e realidade. Da mesma forma, Eliot, em *The Waste Land*, desconstrói a ideia de uma tradição literária e cultural contínua, apresentando-a como um amontoado de fragmentos em ruínas. Faulkner, por sua vez, reflete sobre a decadência do Sul dos Estados Unidos, desmistificando a aristocracia sulista e evidenciando as feridas deixadas pela escravidão e pela Guerra Civil Americana.

A literatura modernista operou, portanto, como um meio de questionamento das certezas históricas e da identidade nacional. Os escritores desse período não apenas representaram a crise da modernidade, mas a incorporaram na própria estrutura de suas obras, transformando a linguagem e a narrativa em espaços de experimentação e contestação. A fragmentação da identidade, a multiplicidade de vozes e a ruptura com as convenções formais foram estratégias utilizadas para expressar um mundo onde as antigas referências já não eram mais suficientes para fornecer um sentido estável à experiência humana.

Além disso, a inovação formal desempenhou um papel central na construção dessa nova sensibilidade literária. O fluxo de consciência, a intertextualidade, a descontinuidade narrativa e o rompimento com as convenções gramaticais foram recursos amplamente explorados para refletir a complexidade da mente humana e a fluidez da realidade moderna. Eliot, Faulkner, Pessoa e Saramago demonstraram, cada um à sua maneira, que a forma literária não é apenas um meio de comunicação, mas um componente essencial da construção do significado. Como observa Hutcheon (1988, p. 165),

A literatura modernista não apenas registra as incertezas de seu tempo; ela as incorpora em sua própria tessitura, tornando-se um espelho da instabilidade e da fluidez que definem a subjetividade moderna.

Entretanto, apesar de todas essas inovações e questionamentos, a literatura modernista também apresentou algumas limitações. Em muitos casos, a experimentação formal e a fragmentação do discurso tornaram a leitura dessas obras desafiadora,

restringindo seu alcance a um público mais especializado. Além disso, a ênfase na subjetividade individual e na crise do sujeito, embora fundamental para a renovação estética do período, por vezes afastou os modernistas de um engajamento mais direto com questões sociais e políticas urgentes.

Diante dessas considerações, futuras pesquisas poderiam aprofundar a relação entre modernismo e recepção literária, investigando como essas obras foram interpretadas em diferentes momentos históricos e contextos culturais. Uma abordagem comparativa entre o modernismo português, anglófono e outros modernismos periféricos poderia ampliar ainda mais a compreensão desse fenômeno literário global. Além disso, a influência do modernismo na literatura contemporânea, especialmente na produção pós-moderna e nos estudos pós-coloniais, constitui um campo de pesquisa promissor, capaz de revelar novas conexões e ressignificações dessas obras.

A permanência do legado modernista na literatura contemporânea demonstra que as questões levantadas por esses autores continuam relevantes. A fragmentação da identidade, a crise da história e a busca por novas formas de expressão seguem sendo temas centrais da produção literária atual, evidenciando que a revolução estética iniciada no início do século XX ainda ressoa na maneira como compreendemos e representamos o mundo. Dessa forma, a literatura modernista não se restringe a um período específico, mas se insere em um processo contínuo de transformação e reinvenção, demonstrando que a inovação formal e o questionamento das certezas são elementos fundamentais da própria natureza da literatura.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ELIOT, T. S. **The Waste Land**. Londres: Faber & Faber, 1922.
- FAULKNER, William. **The Sound and the Fury**. Nova York: Jonathan Cape & Harrison Smith, 1929.
- HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction**. Nova York: Routledge, 1988.
- JAMESON, Fredric. **The Modernist Papers**. Londres: Verso, 2007.
- LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa**: Rei da Nossa Baviera. Lisboa: Gradiva, 1986.

COSTA C. N.C. Modernismo, fragmentação e identidade: um estudo comparativo entre a Literatura Portuguesa e a Literatura Inglesa/Norte-Americana. **Revista Eletrônica Amplamente**, Natal/RN, v. 5, n. 1, p. 238-253, jan./mar., 2026.



NICHOLLS, Peter. **Modernisms: A Literary Guide**. Berkeley: University of California Press, 1995.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Ática, 1934.

SAID, Edward. **Orientalism**. Nova York: Pantheon Books, 1978.

SARAMAGO, José. **O Ano da Morte de Ricardo Reis**. Lisboa: Caminho, 1984.

WHITE, Hayden. **Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.